



ISABELLA FONSECA

Menifesi

Uma jovem misteriosa,
um passado sombrio
e o preço da verdade

 OUTRO Planeta

ISABELLA FONSECA

Menifesi

Uma jovem misteriosa,
um passado sombrio
e o preço da verdade

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Isabella Fonseca, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Elisa Martins e Lígia Alves

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Capa: Fabio Oliveira

Imagens de capa: Vesnin_Sergey/Shutterstock, miko2/Shutterstock e alexlibris/Adobe Stock

Ilustrações: Nicole Bustamante

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fonseca, Isabella

Menifesi / Isabella Fonseca. – São Paulo : Planeta do Brasil,
2026.

224 p.

ISBN 978-85-422-4061-0


1. Ficção brasileira I. Título

26-0320

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção brasileira

 Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

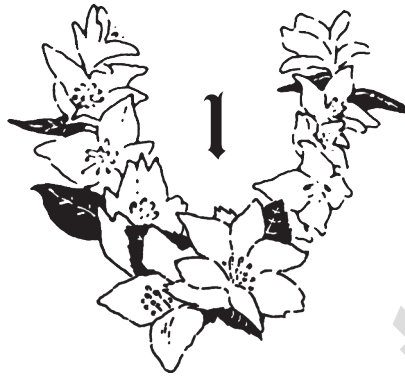
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Quando tudo começou, estava quase anoitecendo. Uma ventania gelada havia me alcançado. Eu precisava me encontrar com um amigo que tinha em mãos alguém que poderia me ser útil.

Ao chegar ao pequeno prédio dele, senti um embrulho repentino no estômago. Já havia passado por isso em minhas atividades profissionais, mas nada como aquilo. Todas as vezes que o visitava em seu trabalho, sentia um mal-estar. Havia uma plaquinha informando que aquele era o número vinte, mesmo sendo a única construção naquele lugar afastado. Era um prédio velho e cinza, com janelas escuras. Era imundo, parecia sujar tudo à sua volta. Olhando para cima, era possível ver em letras grandes e malfeitas: “*Sanatorium pour Malades*”.

Abri os grandes portões de madeira velha e caminhei pelo saguão. Era escuro e tinha cheiro de mofo. Aquele lugar parecia saído de um dos meus piores pesadelos. Olhei para o chão e havia diversos ratos correndo para uma escada estreita e escura. Era um lugar silencioso, e o único som ali era dos meus sapatos batendo no chão. Mesmo com a ventania lá fora, estava quente do lado de dentro, como se o ar estivesse completamente parado, me dando a impressão de estar sufocado. Um homem gordo e pequeno surgiu da parte mais escura do grande salão.

— Sr. Alexandre! — ele gritou, correndo em minha direção com os braços abertos. — Faz tempo que não vem me visitar.

— Charles. — Eu o abracei, abaixando-me um pouco. — Na verdade não vim visitar você, mas como vão os negócios?

— Péssimos! Mas ao menos não perdi nenhum paciente. Só que isso não vem ao caso. Vamos ao mais importante. O senhor me parece cansado, está tudo bem?

— Como o senhor disse, é apenas cansaço.

Charles era um velho amigo de meu pai. Era médico, mas não um médico qualquer. Ele trabalhava com problemas mentais. Aqueles insanos que precisavam de ajuda ou que eram um perigo para as pessoas. Seu sonho nunca foi esse, mas era a única maneira de conseguir sobreviver. Depois de tantos problemas, guerras, crises e muitas outras dificuldades, seu hospital acabou se enchendo de pessoas que necessitavam de seus serviços.

Todos sabiam que aquele não era o melhor lugar para se viver. Eu particularmente sabia que as pessoas de lá sofriam, mas nunca fiz nenhuma denúncia. Não era diferente dos hospitais psiquiátricos da época. Espero que um dia essa realidade mude para melhor, mesmo que demore. Aquele lugar me fazia sentir algo ruim. Desconfortável. Eu sabia que Charles desprezava todos aqueles que estavam internados ali, mas o que eu podia fazer? Se falasse tudo o que penso, com toda a certeza já teria ido parar em um hospital assim.

Ele me chamou com um movimento de mão. Já tinha ido na minha frente e estava próximo da escada. Descendo-as, notei a escuridão e a sujeira. Era de lá que vinha aquele cheiro e a sensação estranha de antes. Aquele era um lugar terrível.

— Uma pergunta, detetive: por que veio atrás dela?

— Já havia escutado algumas histórias nos lugares mais inesperados. Coisas terríveis.

Algo estava me deixando inquieto. Eu não sabia muito sobre ela, só que havia algo específico que eu não conseguia deixar passar. No

entanto, eu queria que ele me contasse algumas coisas antes de eu conhecer a menina. Eu estava curioso. Por que eu era tão curioso?

— Percebi que ela tem vários apelidos, e que ninguém *nunca* sabe dizer como é a aparência dela. Além do mais, nunca citaram nenhum nome.

— O motivo para isso é que ela não tem nome — Charles respondeu com um tom sombrio. — Os pais não lhe deram um nome. Pelo menos não tiveram chance. A mãe morreu assim que ela nasceu, e o pai a odiava por isso. Quando ela tinha quase cinco anos, ele percebeu algumas coisas estranhas na menina e então a abandonou na porta do hospital psiquiátrico. — Ele parou de andar de repente e se virou para mim. Sua expressão era assustadora e sombria, como se tivesse se lembrado de algo. — Preciso que o senhor entenda que ela é forte, mesmo sendo uma garota. Não a deixe sem os remédios. Se algo acontecer, o senhor tem que ter completo entendimento de que eu *não* vou ser o culpado.

Aquela condição me surpreendeu. Por que a ênfase? Se ele tinha tanta certeza de que ela me faria mal, por que autorizou que eu a levasse?

Após descer o grande número de degraus, passamos por um corredor com muitas pessoas presas a correntes caídas no chão. Magras e pálidas. Homens e mulheres com aparências desprezíveis. Havia apenas dois cômodos fechados com portas, um de frente para o outro.

Antes de chegarmos até ela, um dos homens caídos no chão segurou a minha calça.

— O senhor acredita em fantasmas? — o velho me perguntou com olhar de medo. Ele era grisalho e tinha olhos muito claros. — Não entre naquela sala, aquela mulher é um demônio encarnado! Ela vai matar o senhor.

A maioria me olhava com receio; outros, com raiva, e alguns pacientes riam de mim. Mas a única coisa em comum no olhar de todos eles era o medo.

— Calados! Não assustem o detetive, seus inúteis! — Charles estava vermelho. Ele me olhou, colocando o braço em volta de mim, como se fosse uma espécie de abraço, e me levou para mais perto das salas. — Me perdoe. Sim, ela pode ser meio... difícil, mas basta lhe dar a medicação de doze em doze horas. Diferente de todos aqui, essa moça tem classe. Aprendeu a ter.

— O que ela tem? — perguntei, parado em frente à porta.

Confesso que estava muitíssimo desconfortável com aquela situação. Não entendia o pavor de todos ali, mas aquilo estava começando a me afetar.

— Um passado.

Entrei sozinho. Havia uma janela pequena, provavelmente para a entrada de iluminação, mas apenas era possível ver a grama lá fora, que parecia não ser aparada havia bastante tempo. Eu não entendia como aquele lugar ainda não caíra aos pedaços. Era até mesmo estranho considerar que ali era um hospital.

Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, me deparei com uma garota sentada olhando fixamente para a porta. Sua pele era claríssima, o cabelo batia no peito e era bem escuro. Quando ela se levantou, percebi que era mais alta que Charles, mas um pouco mais baixa que eu. Era magra, não muito diferente de todas as mulheres daquele hospital psiquiátrico, porém percebi que era um pouco mais forte. Seus olhos eram tão escuros quanto os cabelos. Pareciam melancólicos, como se algo tivesse apagado todo o brilho que normalmente se vê no olhar de uma mulher. Quando os mirou em mim, percebi que seu rosto era ossudo e sua boca, descorada. Ela me parecia mais doente do que todos os pacientes que eu tinha visto no corredor. Quando me olhou, o medo se estampou em seu rosto.

— É um detetive, não é? — ela me perguntou com a mão estendida, preparada para me cumprimentar. Sua mão tremia um pouco, e eu tive o pressentimento de que Charles a obrigava a cumprimentar todos os que no quarto entravam.

— Sim, como sabe? — perguntei, apertando sua mão. Estava tão fria que me fez estremecer.

— Deduzi. Eu sou boa nisso. — Ela falava com um tom confiante, mas ainda me parecia assustada e triste.

Charles entrou no quarto e colocou a mão em meu ombro. Apenas com o gesto que ele fizera enquanto olhava para ela, a garota saiu e esperou por nós aos pés da escada, levando consigo uma maleta com os remédios. Quando ela passou pelo corredor, todas as pessoas imediatamente encararam o chão, como se temessem olhar em seus olhos.

— Como ela sabia? Como sabia que eu sou detetive? — indignado, perguntei para Charles.

— Como ela mesma disse, é boa em deduzir. — Charles parecia saber cada palavra que ela havia me dito. Tentando disfarçar, ele completou com uma explicação fajuta: — Aliás, outro detetive já precisou da ajuda dela. A garota é inteligente, mesmo sem nunca ter pisado em uma escola, e eu a ensinei a ler. Vi que ela era diferente desde o dia em que chegou, e é muito rápida para resolver problemas. Além do mais, não haveria outro motivo para que alguém a visitasse.

Ele falava como se escondesse algo e tivesse medo de eu acabar descobrindo.

— E, já que estamos falando disso, eu lhe peço, detetive, que não tenha nenhum relacionamento com ela. Deus a castigará e levará o senhor também, como fez com Adam.

O médico empalideceu e ficou quieto, como se tivesse falado demais, o que era um talento particular seu.

— Quem é Adam?

— O senhor logo saberá.

Estava estranhando o comportamento de Charles. Ele nunca gostou de fazer mistério. Não conseguia guardar segredos nem para si.

Charles me levou para fora daquele lugar detestável. Mas, antes disso, me entregou algo envolto em um pano vermelho escuro; parecia um punhal.

— Esta adaga pertence a ela — ele me disse tão baixo que quase não consegui escutar. — Guarde-a bem. Se for preciso, entregue a ela. Se houver qualquer tipo de problema, ela se dá muito bem com isto daqui. — Levantou a mão que segurava a faca. — Ela é muito ágil. Confie em mim.

Depois daquela confissão, eu tive certeza de que ele sabia de muitas coisas que eu nem imaginava.

A garota nos seguia sem fazer barulho. Quando me virava para olhá-la, ela não demonstrava um único sentimento. Muitas vezes pensei que tivesse ido embora. Ela parecia morta. Charles mostrou a ela a porta do táxi e lhe pediu para entrar. Quando nos sentamos um ao lado do outro e o motorista começou a dirigir, percebi que ela olhava curiosa para as estradas de Nantes. Como se sentisse saudade de alguma coisa que era de lá. Eu comecei a me perguntar se ela não tivera uma vida anterior nesta cidadezinha francesa.





Ela observava tudo e apoiava a bochecha na mão. Por eu ser detetive, só de olhar para alguém sabia ver como a pessoa se sentia. Ela, porém, era um mistério. Parecia desesperada. Mas por quê? O que a deixava tão amedrontada? A garota não parecia ter coragem o bastante nem para se mexer, como se fosse incomodar.

– Qual é o seu nome? – ela me perguntou.

Parecia tentar quebrar o silêncio desconfortável que pairava entre nós. Foi a primeira vez que ouvi sua voz fora daquele lugar. Era suave e doce, lembrava um sussurro. Parecia vir de longe, mesmo que eu conseguisse ouvi-la sem dificuldade.

– Alexandre Leblanc... e como eu posso te chamar? – Eu me virei para ela, que me olhou de canto de olho. Queria descobrir se ela realmente não tinha um nome.

– Não sei, não tenho um nome. Não mereço um.

– Todos merecemos um nome, não importa o que nos ocorreu nem o que fizemos.

Ela pareceu não acreditar, mas, ao mesmo tempo, ficou nervosa com a minha resposta. Mesmo com o clima frio, comecei a suar. Por alguma razão, sua resposta fria em relação a algo tão sério me deixou

nervoso. Decidi não falar por um tempo. Não me lembrava de nenhum nome. Eu a olhava enquanto pensava em que nome dar a ela. Então lembrei-me de algo que li uma vez.

— O que acha de Menifesi?

A garota olhou para mim como se soubesse o significado: fantasma, em amárico, uma língua afro-asiática. Então sorriu e balançou a cabeça, mostrando que aceitaria o novo nome. Aquele que a acompanharia até o dia de sua morte. Um cruel nome o que dei a ela, confesso.

O nome nos descreve. Diz quem nós somos. Eu não acredito muito em maldições nem em milagres. Não vejo diferença entre os dois, mas acho que amaldiçoei a garota com esse nome.

Pelo resto da viagem, ficamos em silêncio. Ela parecia pensar demais. Eu também tinha esse costume. Não sei no que ela pensava, e confesso que não queria saber.

Eu não conseguia tirar o nome de Adam de minha mente. Quem ele seria?

Ao chegar à minha casa, ela ficou boquiaberta.

— É aqui que você mora? — ela me perguntou, com os olhos fixos na fachada.

— Fique à vontade, por favor.

A minha casa era um tradicional casarão francês. Um imóvel longo, de dois andares e muitos quartos, com telhado marrom-escuro, fachada branca e um jardim extenso e bem cuidado. Mas não acho que ele continue da mesma forma.

Entramos na casa, e logo escutei Antonietta se apressando. Tudo o que vi dela foi seu rosto bondoso espiando pela porta da cozinha. Ela era uma mulher simpática, baixa e corpulenta, de cabelos encaracolados e pele bem escura.

— Sr. Leblanc, que bom que o senhor cheg... — Ela não conseguiu disfarçar a surpresa ao ver Menifesi. Parando em minha frente, fitou a garota. — Quem é essa?

— Ela se chama Menifesi, e passará alguns dias aqui. — Cheguei perto de Antonietta e segurei seus ombros. — Seja gentil, por favor... — cochichei em seu ouvido.

Ela então percebeu como olhava para a garota e tentou mudar a feição, o que deixou a situação ainda mais desconfortável. Antonietta era muito expressiva e, quando não gostava de alguém, não conseguia disfarçar.

— Não gostei dela — ela cochichou em resposta.

— Ela vai ficar no aposento em frente ao meu. Aproveite e leve-a para tomar um banho.

A mulher suspirou e segurou a garota pelo braço, conduzindo-a até as escadas. Ela tinha um certo ciúme de mim. Me considerava seu filho e nunca gostou das mulheres com quem me relacionei.

Quando as duas subiram para o quarto, corri direto para a biblioteca. Uma sala ampla, decorada com cores sóbrias, com imensas estantes de livros organizadas de forma metódica. Separei filosofia de sociologia, romances de atlas. Tudo aquilo poderia me servir, mas eu sou ignorante. A maior parte da grande coleção de ciências e cultura herdei de meu pai. Eu me interessava pelos livros que contavam histórias inventadas, por romances. A realidade não me interessava muito. Era naquela sala que eu guardava os materiais dos casos com que eu me envolvia, e onde eu passava a maior parte do dia.

Depois de algumas horas, Antonietta me chamou para avisar que o jantar estava pronto, e eu ainda estava sentado na biblioteca. Saí de lá e subi até o segundo andar para chamar Menifesi. O quarto em que ela foi acomodada era o segundo maior da casa, com decorações em sua maioria em tons dourados. Achava que seria bom para ela ficar em um lugar mais espaçoso depois de viver tanto tempo naquele quarto pequeno do hospital psiquiátrico.

Bati à porta e entrei. Menifesi estava deitada, encarando o teto. Parecia a primeira vez em muito tempo que ela se deitava em uma cama confortável. Quando me viu, levantou-se rapidamente e me

olhou com os olhos redondos e sonhadores. Senti um cheiro de jasmim muitíssimo forte. Ela estava com os cabelos molhados e usava roupas novas. Olhando bem para ela, reparei em sua beleza, e não consegui desviar o foco, o que pareceu irritá-la um pouco.

– Sr. Leblanc? – ela perguntou, franzindo o cenho, chamando a minha atenção. – Está tudo bem?

– Sim – respondi rapidamente.

Percebi que ela estava usando um colar com um anel como pingente. Eu tinha quase certeza de tê-lo visto antes. Ela percebeu para onde eu estava olhando e logo cruzou os braços.

– O que o senhor quer?

– Desculpe, vim chamá-la para o jantar. Assim poderemos conversar sobre a razão de você estar aqui.

Ela me olhou desconfiada, mas logo me acompanhou para fora do quarto. Nesse momento, tomei coragem para perguntar:

– Quem te deu o colar?

Porém sua reação foi totalmente diferente do que eu esperava. Ela me encarou com os olhos arregalados, sem brilho algum. Foi então que percebi a tristeza que havia neles, mesmo quando ela tentava disfarçar. Não havia vida ali. Como se ela estivesse morta por dentro. Aquele olhar demonstrava muito do que ela sentia.

Antes que eu pudesse me desculpar ou dizer algo, Antonietta gritou, nos chamando para o jantar. A garota fitou o chão e correu até a mesa. Me sentei ao seu lado, e notei que ela estava parada, olhando para a comida com receio.

– Coma – pedi.

Ela comia rapidamente, mas de maneira educada. Por alguma razão, todas as vezes que acabava de mastigar, abaixava a cabeça e agradecia. Ela era, de alguma forma, admirável. Era grata. Mesmo depois de viver tanto tempo no hospital psiquiátrico, ela era grata por pequenas coisas boas.

Quando terminamos de comer, me virei para ela e comecei:

— Preciso de sua ajuda, Menifesi. — Dizer seu nome ainda me soava estranho, apesar de ter sido eu a escolhê-lo. — Há um assassino à solta, que já matou diversas pessoas nos últimos meses. Já foram sete assassinatos e diversos atentados. Nenhum detetive conseguiu encontrar o responsável, e, quando o caso foi passado para mim, eu soube que precisaria de ajuda.

“Eu já tinha ouvido falar muito de você. Sei que nasceu com problemas mentais. E me contaram absurdos sobre sua maneira de se defender e sobre sua percepção. Existem alguns boatos... mas não me conte agora, por favor; é só que eu não entendo o seu passado.”

Percebi seu suspiro infeliz. Ela devia ter pensado que eu a obrigaria a contar o que não queria. Charles com certeza não permitia que ela escolhesse o que queria ou não fazer.

— Mas pode me contar no momento certo, está bem? Só peço que me ajude, mesmo você não me devendo nada. Não precisa nem gostar de mim. Antonietta vai entregar livros e a lista dos assassinatos a você amanhã. Está pronta para correr esse risco?

Ela se levantou e estendeu a mão para mim de uma forma que me fez entender que tínhamos um acordo. Eu não sabia quais eram as condições, mas não me importava. Me levantei e apertei sua mão. Naquele momento, eu soube que Charles estava certo, e que tudo que a garota fizesse me seria muitíssimo útil. Menifesi se despediu e foi direto para a escada. De repente, parou e olhou para mim.

— Senhor detetive... muito obrigada por me tirar daquele inferno — disse do meio da escada. Ela abriu um sorriso triste e aliviado. — O senhor me salvou, mesmo que por pouco tempo.

Fiquei olhando até sua silhueta desaparecer no final das escadas. Os miseráveis que viviam no hospital psiquiátrico sofriam muito mais do que eu imaginava.

— Não gosto dela — Antonietta disse atrás de mim. — Mas, se o senhor gosta, então não devo discutir. — Ela se virou para continuar a tirar os pratos.

— Antonietta, venha aqui. — Segurei sua mão livre e olhei em seus olhos carinhosos. — A senhora é praticamente minha mãe. Se esforce um pouco, por favor.

— Fique quieto, menino. — Ela saiu de perto de mim, soltando a minha mão. — Esse seu talento de me tirar do sério desde pequenino não mudou nada. Você apenas cresceu e se tornou um detetive importante. Continua com o mesmo olhar travesso e os cabelos castanhos de quando era pequeno. Quantas vezes não os penteei quando seu pai não tinha tempo? Mesmo após todo esse tempo, o senhor me lembra muito do seu pai.

Dei um beijo em sua testa e segui para o meu quarto, desejando-lhe boa noite. Antonietta havia me criado desde pequeno, e era mais importante para mim do que minha própria mãe. Eu a amava demais. E não aguentaria perdê-la.

